

BARBAS DE MOLHO

***Roberto Rodrigues**

Com o câmbio a dois reais, a agricultura ganha ou perde?

De uma maneira geral ganha, porque boa parte de nossa produção rural – a de exportação – tem seus preços estabelecidos em dólar. Ora, como o produtor brasileiro recebe em reais, quanto mais valorizado o dólar, tanto mais reais ele receberá por unidade produzida. Em outras palavras, ganha mais.

Mas há um risco embutido nesta questão: os agricultores estão, exatamente neste momento, comprando seus insumos para o plantio da safra de verão. Grande parcela deles é importada, e os preços já subiram em dólar, como é o caso das matérias primas para fertilizantes. Portanto, os custos de produção vão aumentar. Qual é o risco? É comprar insumos com um dólar valorizado e vender a produção com o real valorizado: isto seria ruim, provocaria um descasamento da renda – como já aconteceu outras vezes no passado – levando ao endividamento os produtores que estiverem muito alavancados.

Felizmente, a situação das dívidas rurais hoje é muito menor do que em anos anteriores, como em 2004, por exemplo, quando um movimento parecido como este aconteceu. Os últimos 3 anos permitiram uma certa capitalização do campo, e os produtores estão usando muito mais capital próprio e menos crédito.

Mas mesmo que os preços em dólar não caiam muito e o dólar não se desvalorize, a tendência para a safra 2012/2013 é de redução das margens em relação aos últimos anos.

A isto se soma outra incerteza: a crise européia. Ela está durando mais do que se imaginava há alguns meses, e se agravando em outros países, além da Grécia. Com isso, especuladores caíram fora do mercado agrícola e trataram de procurar outros ativos de menor risco, como o próprio dólar. E este também se valoriza com isso.

Mas pior será se a crise atingir a economia de países emergentes, causando retração do comércio e queda da demanda por alimentos. Não é muito provável que isto aconteça, mas é possível. E, se acontecer, os preços das commodities agrícolas cairão de verdade, em dólar, logicamente, e isto teria reflexos negativos na renda rural de produtores do mundo todo, inclusive aqui.

É bem verdade que os preços estão em patamares tão acima das médias históricas que precisam cair bastante para voltar a níveis que não cubram custos de produção no Brasil.

Desta forma, os riscos não são muito grandes. Mas o nível de incerteza é tanto neste mundo conturbado, a agricultura é por si mesma uma atividade tão arriscada, que pode acontecer uma conjugação de fatores negativos, do tipo:

- os custos de produção sobem devido ao dólar valorizado;
- o dólar se desvaloriza na hora de vender a safra;
- os preços globais caem em dólar por causa da crise européia aprofundada que reduz o consumo e a demanda por commodities agrícolas em geral.

Seria muito azar se isso tudo acontecesse, de modo que a probabilidade desta conjunção é pequena. E seguramente não teremos La Niña na próxima safra. Mas

principalmente, o nível de endividamento não é mais o que foi no passado, o setor está bem mais capitalizado.

Juntando tudo, não há razão para ser pessimista, ainda.

Mas que as margens vão diminuir, vão. Então, também não há razão para nenhuma euforia.

É tempo de cautela e caldo de galinha, de não dar o passo maior que a perna, de não fazer muita onda.

Ou, como se fala na roça: é tempo de botar as barbas de molho.

Até porque os vetos colocados no projeto da Câmara dos Deputados sobre o Código Florestal – e mais a Medida Provisória editada para completar a legislação pertinente ao tema – criaram alguma incerteza a mais. A Medida Provisória já está em vigor, mas poderá ser alterada ainda este ano no Congresso, uma mecânica legislativa complexa.

Mas eventualmente, a legislação definitiva pode até demorar um pouco mais, sem falar em outras possibilidades já aventadas, como ADIN, Mandato de Segurança, etc.

Mais molho para as barbas...

*** Embaixador Especial da FAO para o Cooperativismo, Coordenador do Centro de Agronegócio da FGV e professor de Economia Rural da UNESP/Jaboticabal**